



## The self-diagnosis of dyslexia in adults: a case study

# O autodiagnóstico da dislexia na pessoa adulta: um estudo de caso

SILVA, Neide Maria de Oliveira da<sup>(1)</sup>; SOARES, José do Nascimento<sup>(2)</sup>; SILVA, Antonio Luiz da<sup>(3)</sup>.

<sup>(1)</sup> [0000-0003-1859-4073](https://orcid.org/0000-0003-1859-4073); FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência. João Pessoa - PB, Brasil. [oliveirasilvaneidemaria@gmail.com](mailto:oliveirasilvaneidemaria@gmail.com)

<sup>(2)</sup> [0000-0002-3143-1968](https://orcid.org/0000-0002-3143-1968); Faculdade Internacional da Paraíba. Cabedelo – PB, Brasil. [josesoares02@hotmail.com](mailto:josesoares02@hotmail.com).

<sup>(3)</sup> [0000-0001-7889-0531](https://orcid.org/0000-0001-7889-0531); FUNAD – Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência, ICPAC – Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha. Cabedelo - PB, Brasil. [tonlusi@hotmail.com](mailto:tonlusi@hotmail.com)

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

## ABSTRACT

Dyslexia is one of the most important learning disorders. It is characterized by difficulty in verbal, written and understanding language. Its first signs appear early in life and increase when the subject enters school life. Because of the limitations of everyone involved in the teaching-learning process, many dyslexics have dropped out of school in the past. And those who advanced in schooling were not diagnosed at school age. In fact, many dyslexics were only diagnosed or self-diagnosed in adulthood, not receiving intellectual support during their academic training. Aiming to reveal elements of dyslexia throughout a lifetime, in this article we will take the life story of a pedagogue. We will highlight his academic career and his existential trajectory. We will show the importance of the discussion about dyslexia, understanding its implication for the lives of a large group of people. From the case, we will emphasize that it is possible for a dyslexic person to learn, advance and succeed professionally.

## RESUMO

A dislexia é um dos mais importantes transtornos de aprendizagem. É caracterizada por dificuldade de linguagem verbal, escrita e compreensiva. Seus primeiros sinais surgem no início da vida e vão aumentando quando o sujeito entra a vida escolar. Por causa das limitações de todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, no passado muitos disléxicos se evadiam a escola. E aqueles que avançavam na escolaridade não eram diagnosticados na idade escolar. Aliás, muitos disléxicos só foram diagnosticados ou autodiagnosticados na idade adulta, não recebendo apoio intelectual durante a sua formação acadêmica. Visando revelar elementos da dislexia ao longo de uma vida, neste artigo tomaremos a história de vida de uma pedagoga. Destacaremos seu percurso acadêmico e sua trajetória existencial. Mostraremos a importância da discussão acerca da dislexia, entendendo sua implicação para a vida de um grupo numeroso de pessoas. A partir do caso, enfatizaremos ser possível uma pessoa disléxica aprender, avançar e ter sucesso profissional.

## INFORMAÇÕES DO ARTIGO

### Histórico do Artigo:

Submetido: 15/10/2022

Aprovado: 27/12/2022

Publicação: 10/01/2023



### Keywords:

dyslexia, disorder, learning, diagnosis, self-diagnosis

### Palavras-Chave:

dislexia, transtorno, aprendizagem, diagnóstico, autodiagnóstico.

## Introdução

É bem verdade que muitas pessoas já ouviram falar em dislexia. No entanto, parece que ainda poucas têm boa compreensão do que realmente se trata. De fato, embora seja para Navas (2011, p. 44): “[...] uma condição amplamente reconhecida no meio educacional nacional e internacional, com sintomas bem definidos, com vasto embasamento teórico-científico e que afeta de 4 a 8% da população mundial segundo recentes estimativas”, temos a impressão de que a dislexia é um daqueles temas muitas vezes discutidos e até bastante publicados, mas com pouca apropriação tanto pelos educadores e pela escola quanto pelas famílias e por diferentes cuidadores. Trata-se, pois, de uma situação complexa. E, muito provavelmente, ainda é um assunto restrito somente a especialistas.

O que é a dislexia? Como ela se manifesta? Quanto pode atrapalhar a aprendizagem de uma pessoa? Um sujeito com dislexia pode ser uma pessoa de sucesso na escola, no mundo das profissões, na vida? Quantas pessoas disléxicas conhecemos ao nosso redor? Como elas são? O que caracteriza a sua existência? A dislexia afeta a inteligência? Essas são importantes perguntas que permearão esta reflexão, algumas das quais tentaremos responder.

Pois bem, quando mencionamos a palavra dislexia estamos falando de um problema específico, talvez o problema mais importante no conjunto dos transtornos da aprendizagem. Para educadores, é possível que lhe saltem aos olhos aqueles indivíduos que não aprendem na idade certa e que muitas vezes precisam repetir séries escolares. Muitas vezes pessoas com dislexia são associadas, como todos os indivíduos afetados por distúrbios no campo aprendizagem, a pessoas com alguma deficiência de natureza intelectual. Mas, esclarecendo de modo amplo, como bem mostraram Bonini et al. (2010, p. 311): “Ao contrário do que muitos pensam, a dislexia não é resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência. Ela é uma condição hereditária, com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico”. No que tange à cognição, diga-se de partida, na pessoa disléxica a inteligência se encontra preservada e, portanto, funcionando dentro do esperado para a idade em muitos aspectos. A criatividade, a vivacidade, a esperteza e a imaginação continuam ao longo da vida funcionando bem.

Aliás, na história da humanidade conhecemos um número expressivo de pessoas disléxicas que desenvolveram, inclusive, invenções geniais. Conforme Davis (2004, p. 32), Albert Einstein, Alexandre Graham Bell, Pablo Picasso, Walt Disney, John F. Kennedy, John Lennon, Whoopi Goldberg, Magic Johnson, entre outros, são alguns dos nomes mundialmente famosos de pessoas que sofreram os prejuízos trazidos pela dislexia em suas vidas. Porém, seus feitos indicam que se suas inteligências estivessem afetadas, certamente, não teriam sido os gigantes que foram e são.

Mas, o que é mesmo a dislexia? Conforme Silva (2009, p. 470): “Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem caracterizada por problema na linguagem receptiva e expressiva, oral ou escrita. As dificuldades podem aparecer na leitura e na escrita, soletração e ortografia,

fala e compreensão e em matemática”. Como mencionado, a dislexia como transtorno de aprendizagem de origem neurobiológica e genética, tem caráter hereditário, podendo aparecer em vários outros membros da família (Carvalho & Silva, 2007; Silva, 2009). Portanto, é possível que o aparecimento de um disléxico já indique que ele não está sozinho em uma determinada família. Assim, em comunhão com Sampaio et al. (2019, p. 4): “Lembramos que o fator genético na dislexia vem compreendido como estando relacionado a um histórico familiar de problemas relativos à leitura/escrita”.

Por ser um transtorno de linguagem, pode-se se dizer também que a dislexia é um transtorno fonografêmico. Por ser um problema no terreno da linguagem, a dislexia traz comumente dificuldades no campo do reconhecimento da palavra escrita ou falada e em muitos casos na decodificação de ambas (Rodrigues & Ciasca, 2016). A pessoa disléxica pode ter dificuldade para compreender um comando verbal do tipo vire à direita, se atrapalhando na hora de agir. Não necessariamente se trata de um problema de lateralidade, mas sim um transtorno de compreensão, interpretação de um comando verbal. E quando vários comandos são dadas numa mesma sequência verbal, a complexidade se avoluma ainda mais.

Quando conseguem se alfabetizar, ao ler um texto, por exemplo, a pessoa disléxica pode apresentar dificuldade acentuada para compreender, interpretar, retirar o sentido de uma comunicação escrita. Muitos leitores disléxicos adultos relatam que uma palavra desconhecida em um texto ainda costuma lhes trazer enormes confusões, prejudicando a compreensão da ideia do parágrafo. Há casos em quem esses leitores se sentem obrigados a reler várias vezes o mesmo texto.

Embora muitos disléxicos sejam diagnosticados ou autodiagnosticados na idade adulta, portanto, muito tardiamente, é importante ressaltar que os sintomas aparecem desde muito cedo no desenvolvimento humano. Importantes sinais podem ser a fala tardia, a lentidão na aquisição vocabular, ou mesmo uma fala com entonação de criança muito pequena, quando a criança já está um pouco mais velha. É claro que os elementos não devem ser tomados isolados. Conforme Catts e Chan (2011), se há história de dislexia na família da criança, é preciso ficar atento à existência combinada de atraso de linguagem expressiva com problemas de linguagem receptiva, pois estes elementos podem resultar mais tarde em déficits significativos de leitura e escrita na idade escolar. “Assim, “falantes tardios” devem ser considerados um sinal significativo de risco para a dislexia, quando combinado com estes outros fatores de risco” (Catts & Chan, 2011, p. 58).

É bem verdade que muitos pais e familiares nem chegam a perceber como problemáticas algumas dificuldades infantis ligadas à fala, achando até ‘bonitinho’ aquele menino que fala meio atrapalhado. Por isso, para aquelas crianças que frequentam creches, como apontado por Soares et al. (2018, p. 8): “É preciso ficar atento no ensino infantil às palavras mal pronunciadas, à persistência de uma ‘linguagem de bebê’, à falta de interesse

pelas rimas e às dificuldades em saber das letras do próprio nome”. É necessário se ter atenção aos sinais na própria comunicação da criança com seus pares.

Muitas crianças, ainda na idade escolar, revelam dificuldades de memorização, de ortografia, ou de administração do tempo e do espaço no momento de uma comunicação. Algumas crianças apresentam limitações visuo-espaciais quando essa habilidade se dirige às formas gráficas do alfabeto, muitas delas não compreendem para qual lado se posicionam, por exemplo, letras como b e d, q e p, f e t, O e Q, E e F, M e W etc. Muitas não entendem ou não conseguem ver lógica na sequência dos algarismos romanos. E algumas delas confundem os numerais quando escritas como seguem: 6 e 9, 01 e 10, 02 e 20, 05 e 50, 60 e 90 etc. Parece que as posições que as letras e números ocupam nos espaços grafados não são facilmente distinguidas no momento de sua identificação e leitura. Nesse grupo, alguns escrevem palavras com letras espelhadas, outras têm caligrafias muito desorganizadas, muitas conduzem cadernos completamente fora dos padrões de sua turma e, via de regra, crianças disléxicas acabam revelando ao longo de sua infância pouco apreço por livros, textos, conteúdos escolares etc. Rimas, trava-línguas, parlendas, narrativas orais, contação de história nem sempre são coisas confortáveis para as crianças disléxicas, mesmo tendo elas excelente imaginação. Muitos apresentam completa limitação para perceber a relação grafema/fonema e suas variações no que se refere ao uso do vernáculo. Muitas levam tempo enorme para saber quando escrever c, ç, s, ss, r, rr. Sons como os requeridos em nh, lh e cl, por exemplo, são muito confusos para esse grupo. A própria grafia nesses casos pode não fazer o menor sentido para crianças disléxicas em fase de alfabetização.

As crianças desse grupo apresentam maior lentidão para retirada do conteúdo escrito no quadro, o que lhes causa enormes desconfortos. Relatando sua experiência escolar nos anos iniciais, informa o autor disléxico e *influencer* digital Fleming (2020, p. 28): “Se os professores escreviam a frase "vamos viajar", eu teria que olhar para o quadro onze vezes para poder escrever letra por letra no caderno, "v-a-m-o-s v-i-a-j-a-r””.

Há casos em que disléxicos não conseguem pronunciar determinadas palavras da linguagem cotidiana mesmo na idade adulta.

Por conta do conjunto de suas dificuldades tem sido bastante comum atraso na alfabetização, pouco gosto pelas coisas de escola ou mesmo uma acentuada limitação para o hábito da leitura. Trabalhos que envolvem ordem e sequência, com muitos passos, muitas vezes são difíceis para o grupo de disléxicos. Alguns adultos disléxicos comentam que ler era uma tortura na infância, mesmo quando já estavam alfabetizados. Alguns liam mal, passavam vergonha, gaguejavam ou tinham a sensação de que não compreendiam aquilo que liam.

E, de fato, o que normalmente chama a atenção para a possibilidade desse transtorno é a dificuldade escolar acentuada. Podemos dizer que é uma aprendizagem escolar lenta para os padrões exigidos pela sociedade. Muitas dessas crianças precisaram repetir várias vezes as mesmas séries. No passado, muitas delas se evadiam ou eram evadidas da escola.

Mas não quer dizer que a pessoa disléxica não aprenda. Dependendo do nível de sua dislexia, ela pode sim, com intervenção adequada na idade certa, desenvolver sua aprendizagem escolar de forma significativa. Daquilo que temos recolhido por meio de relatos, em muitos casos a própria pessoa disléxica cria seus meios e métodos de aprender (Fleming, 2020). Aliás, cada pessoa possui uma forma mais eficaz de aprendizado, tornando difícil uma ação escolar engessada e padronizada. Assim como os indivíduos que não têm transtornos de aprendizagens, algumas pessoas disléxicas são mais visuais, outras mais auditivas. E isso significa que elas desenvolvem seus padrões de pensamento e compreensão de acordo com os diferentes tipos de estímulos que elas foram recebendo nos anos iniciais de sua formação enquanto ser humano em desenvolvimento, como bem refletiu Davis (2004).

É bem verdade que nem todos os grupos etários de disléxicos estão sendo estudados de modo equivalente. Os estudos com pessoas adultas disléxicas, considerando o testemunho de seu caminho de superação, tem sido uma lacuna na literatura especializada. Como informam Rodrigues e Ciasca (2016, p. 89): “Na fase adulta, a evolução da dislexia é variada e os estudos, quando comparados à infância e adolescência, são escassos”. Isto considerando, neste artigo tomaremos para estudo o relato de uma pessoa disléxica adulta, com formação em pedagogia e psicopedagogia. Mostraremos parte de seu caminho escolar, considerando suas dificuldades para completar seu percurso formativo. Destacaremos a necessidade de discutirmos a questão da dislexia porque entendemos que ela tem implicações para a vida de um grupo significativo de alunos. Demonstraremos, através do caso apresentado, que é possível sim uma pessoa disléxica aprender, avançar e ter sucesso profissional.

## **O método**

Para este artigo tomamos como método o estudo de caso. Como esclarecido por Ventura (2007, p. 384): “[...] o estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais”. É verdadeiro que, mesmo que o estudo de caso enfatize nuances individuais de uma realidade ou indivíduo, indivíduo e realidade não existem ou locomovem-se solitariamente. Por essa razão, entendemos que um caso, seja ele qual for, sempre oferecerá luzes a situações mais ampliadas.

Embora possa ser utilizado em diferentes campos do saber, Andrade et al.(2017, p. 2): “Na área educacional, por exemplo, o estudo de caso pode ser utilizado como uma abordagem didática para problematizar uma situação a fim de aproximar a teoria e a prática”. Este caso, mesmo enfocando vários momentos da vida de uma pessoa disléxica adulta pretende ser uma contribuição à educação.

Considerando a nossa intenção de mostrar a dislexia fora das faixas etárias iniciais, tomamos para discussão o caso real de uma pessoa adulta disléxica, autodiagnosticada tardiamente. Trata-se de uma pedagoga, com vasta experiência profissional, a qual também

assina este trabalho como coautora. Inicialmente foi solicitado que ela escrevesse o relato de seu caminho escolar e profissional. Depois do material pronto, para complementar possíveis lacunas, realizamos entrevistas via aplicativo de celular. Foi dada a ela a possibilidade de responder tanto por escrito quanto por mensagem de voz gravada. Esses fragmentos foram incorporados ao texto original.

## O caso

Começamos nosso processo de escolarização na zona rural, no município de Belém do Brejo do Cruz - PB. Nossa avó, com quem fomos criadas, dizia que todas as suas netas deveriam se formar professoras, como foram suas filhas e ela própria. Nem sabemos hoje se nossa avó era formada. Sabemos que ela era professora e naquela época uma professora para a zona rural bastava saber ler e escrever bem. E a maioria não tinha mais que a antiga 4ª série do Curso Primário, hoje Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Em nossa família só podíamos estudar na cidade quando aprendêssemos ao menos ler e escrever uma carta. Isso foi mais difícil para nós, pois só completamos nossa alfabetização aos 11 anos, sendo a última dos 14 netos. Tivemos que fazer muita aula de caligrafia, muita cópia. Às vezes copiávamos 5, 6 páginas de um livro sem nem saber o que tinha escrito. E quando começamos a ler, líamos sem nada entender.

Assim como os demais primos, também fomos estudar, na cidade, em Caicó - RN. Chegando lá, fizeram nossa matrícula no 3º ano primário. Tínhamos enormes dificuldades escolares e muitas vezes não chegávamos sequer a compreender o básico daquilo que a professora nos ensinava. Repetimos a 3ª série três vezes. Repetimos o 4º ano mais uma vez. Naquela época não existia progressão automática nem esse entendimento de matrícula na série correspondente à idade.

Do que recordamos, em muitas situações fomos motivos de chacotas, experimentando aquelas agressões que hoje chamamos de *bullying*. Aliás, no tempo da nossa infância sempre que chegávamos à sala de aula já éramos motivo de risada. Às vezes íamos com calçados errados e cadarços com vários nós, porque não sabíamos dar laços. Muitas vezes estávamos com os botões da blusa trocados, chegando mesmo a vestir parte de nossa roupa pelo avesso.

A hora da chamada era um suplício, não entendíamos qual deveria ser a resposta e, ao invés de responder “presente”, falávamos “300”. Invariavelmente ocorria na sala uma estrondosa gargalhada. Às vezes, respondíamos extremamente em baixo tom, a professora não ouvia, porém, os colegas gritavam: “A 300 está presente, professora”. Nunca tivemos problemas auditivos, mas hoje sabemos se tratar de uma dificuldade de compreensão. Ficávamos sempre acuadas, muitas vezes os colegas faziam bola com nosso material escolar.

Certa vez, de tão nervosa, com medo de pedir para ir ao banheiro, acabamos por urinar em nossa própria roupa, dentro da sala de aula. Nesse dia não fomos ao recreio. Ao final da aula, ao sair para casa com nossos sapatos de borracha cheios de urina, os colegas perceberam

e foram nos deixar perto de casa, na maior gritaria: “Olha aí a 300 mijona”. Aquilo era uma verdadeira tortura psicológica. Acreditamos que esse ato aconteceu durante uns 30 minutos pelas principais avenidas de Caicó-RN.

Sempre tivemos dificuldades de leitura, escrita, elaboração de texto, compreensão, interpretação e tabuada. Houve um período que nossa prima fazia nossos textos. Mas na hora de ler para a professora, não sabíamos explicar.

Naquele tempo, recebemos apelido de doidinha, matutinha, lesinha, dedindo, esse último porque contávamos nos dedos. Aliás, prática que ainda hoje conservamos. Não que não tenhamos aprendido as operações básicas. Mas é que temos mesmo dificuldade para cálculos mentais.

Mudamos de escola para estudar o curso ginásial. Também não foi nada fácil. Repetimos a 5ª série duas vezes. Na 6ª séries repetimos mais uma vez. Na 7ª e na 8ª tivemos uma melhora grande, e a partir daí conseguimos passar em todos os anos.

Desde que nos entendemos por gente, sempre fomos muito desorientadas no espaço e no tempo, não tendo a menor noção de lateralidade. Em Caicó, em algumas ocasiões, nos perdemos no caminho de casa à escola. Aliás, mesmo adulta ainda nos atrapalhamos. Recentemente entramos no taxi errado, somente porque descemos de um taxi contratado para comprar em uma farmácia. Sempre nos confundimos com os pontos cardeais, norte e sul, leste, oeste.

Quer nos ver em completa desorganização? É só nos apressar. Sempre planejamos as nossas coisas na nossa ordem e do nosso jeito particular. Além disso, não conseguimos fazer nada sob pressão.

Na adolescência, com 16 anos, fomos morar com um casal de tios em Igarapé Grande - MA. Lá, por nosso jeito peculiar, também recebemos apelido de tico-tico, merendar, pia, e vários outros, porque, segundo eles, falávamos ‘diferente’.

Quando saímos de Igarapé Grande - MA fomos para Pedreira - MA. Nesse período, já estávamos concluindo a 8ª Série do Ginásial. Nesse momento da nossa vida escolar, embora não tenhamos sido reprovadas, sofremos muito com um professor de português que era muito exigente. Todas as vezes que falávamos errado, ele nos mandava escrever aquela palavra, 20, 30 e até 40 vezes. E se fosse um verbo, deveríamos conjugá-lo em todos os tempos, além de lhe dar a lição oral.

Nesse mesmo tempo conhecemos uma professora de história, também muito exigente. Mas ela tinha um diferencial. Ela, percebendo as nossas dificuldades, sempre nos explicava tanto os conteúdos de sua disciplina quanto os conteúdos das demais matérias, e, de fato, aquela atitude nos ajudava bastante.

Em Pedreiras - MA fizemos o primeiro ano do Curso Pedagógico. Foi um sufoco. Não sabíamos fazer resumos. Não entendíamos como destacar a essência do texto. Gaguejávamos quando tínhamos de apresentar os trabalhos. Líamos com dificuldade. Quando conseguíamos

ler, era uma leitura perdida. Chegou uma época em que ninguém nos queria nos grupos. Acabamos ficando sozinhas. Depois, algumas colegas tiveram compaixão e nos chamaram de volta para um dos grupos. Mas impuseram uma condição: deveríamos ficar sempre em silêncio e nunca abrir a boca. Imaginem... Parecia que éramos as únicas em toda turma a viver naquela situação.

Quando saímos de Pedreiras - MA viemos para Sousa - PB, lá cursamos, em colégio de freiras, o segundo e o terceiro anos do Curso Pedagógico. Como os demais, esses anos não foram diferentes, na verdade, foram “um Deus nos acuda”. Nossa dificuldade de compreensão parecia ter se acentuado. Nossa atenção oscilava entre momentos de concentração e dispersão, principalmente quando íamos apresentar as miniaulas em didática da recreação, atrapalhando as colegas e até mesmo a professora.

Sempre desentoadas, nunca aprendemos a cantar. E embora não tenhamos deficiência física, temos a coordenação motora grossa comprometida e por isso nunca aprendemos a dançar. No estágio tínhamos de introduzir, nos conteúdos, brincadeiras cantadas e cantigas de roda. Imaginem que era tudo atrapalhado.

Durante os dois últimos anos do Curso de Magistério havia uma professora de português e de didática da linguagem que era um tormento. Cada vez que errávamos uma palavra ou uma expressão, ela nos obrigava a consertar de um modo bem estranho. Ela exigia que escrevêssemos: “Não podemos falar dessa maneira na frente dos nossos alunos, dos nossos familiares e dos demais com quem convivemos”. Aquilo era uma tortura. Aliás, muitas palavras não conseguimos pronunciar direito ainda hoje, mesmo quando as escrevemos corretamente: perplexa, complexas, hidráulica, hidróxido de cloroquina, paralelepípedo, estuprada, Tancredo, etc. Confundimos muito Babosa (Aloe Vera) com Barbosa (Sobrenome). Temos muitas dificuldades para entender os significados dos *emojis* (carinhas do *WhatsApp*).

De qualquer forma, concluímos o pedagógico sem reprovação, devagarinho, devagarinho. Como costumamos ainda hoje falar: “Somos nós e Martinho da Vila”. Mas estudávamos “dobrado que nem tapioca”.

Reconhecemos que ao longo da vida sempre tivemos inquietação, desatenção, desorientação, desorganização na parte de estudo e, além disso, só chegávamos atrasadas aos lugares. Às vezes chegamos a ter dificuldade de perseverar nas coisas. Já fomos chamadas de Ofélia, burra, jumenta, Magda, papa-jerimum etc...

É importante frisar que além do incentivo de nossa avó, desde muito cedo nos determinamos a ter sucesso na vida. O que não sabíamos é que tínhamos de pagar um preço alto.

Depois que completamos nosso curso de Magistério, morando em Sousa-PB, além de professora, nos tornamos donas de duas escolas. Nesses empreendimentos, reconhecemos haver sido bem sucedidas por mais de uma década.



Naquele tempo, fomos tanto professora e diretora de escola particular quanto coordenadora pedagógica de uma escola pública estadual. Ensinamos na Escola Normal todas as didáticas. Coordenamos estágio pedagógico. E mesmo reconhecendo nossa desorientação para determinadas coisas, também nos destacávamos em muitas outras. Éramos e ainda somos muita criativas, muito intuitivas, exigentes e detalhistas. Embora não desconsideremos as críticas, devemos admitir que sempre recebemos vários elogios dos colegas e alunos, chegando mesmo a receber homenagem de uma de nossas turmas de concluintes.

Depois do curso de Magistério, passamos 14 anos sem seguir novos estudos. Durante esse tempo, ficamos lecionando e mantendo nossas escolas. Foi então que nossas amigas passaram a ‘zombar’ por não termos entrado em curso superior. Então resolvemos prestar vestibular, passando para a segunda entrada de Pedagogia na Faculdade de Cajazeiras - PB. Isso foi tanto motivo de alegrias quanto de gozações. Mesmo assim, frequentamos um mês. Depois desistimos de tudo. Desistimos inclusive de nossas escolas. Aproveitando nossos vínculos na educação pública estadual, pedimos transferência para Campina Grande - PB.

Morando em Campina Grande - PB, prestamos novo vestibular para Pedagogia e passamos para a segunda entrada, no segundo semestre. A nova situação foi muito estressante. Cidade grande, muito fria. Tínhamos de pegar ônibus. Não tínhamos amigos. Tínhamos apenas uma irmã, porém, esta morava distante. Mas aprendemos a enfrentar a nossa situação.

Naquele tempo, lecionávamos em uma escola do Estado e ministrávamos aulas de reforço particular a aproximadamente 10 alunos. Estudávamos à noite na faculdade. Tivemos a ‘loucura’ de nos matricular em 10 disciplinas. Quase ‘endoidamos’ de vez. Filosofia, Sociologia e Psicologia eram nossos maiores calos. Sublinhávamos os textos apenas porque víamos os colegas sublinhando. No início do período era como se estivéssemos “na missa sem ver o padre”. Tudo era grego. Nunca compreendemos conceitos como ‘mais valia’, por exemplo. Várias vezes fomos estudar com uma colega, depois de ler um texto sobre marxismo umas dez vezes, ela perguntava o que tínhamos entendido, e respondíamos: nada. Na universidade, cometíamos gafes diariamente. Perdíamos a voz quando tínhamos de apresentar um trabalho. Muitas vezes fomos vestidas com meias e sapatos de cores diferentes. Não sabíamos quais eram os textos que deveriam ser utilizados nas aulas.

Até então nunca havíamos tido uma explicação para os problemas que sempre tivemos em relação ao nosso aprendizado escolar. Nossos problemas sempre foram muitos. E, de certa maneira, nos afetavam profundamente. Imaginamos como teria sido se já soubéssemos do nosso ‘problema’ desde sempre.

Depois que terminamos Pedagogia viemos morar em João Pessoa - PB. Foi então que passamos a trabalhar na Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD. Era no setor de Avaliação, Triagem e Diagnóstico. Não sabíamos quase nada de Deficiência nem de Transtornos de Aprendizagem. Então tivemos de estudar muito. No final de cada avaliação deveríamos dizer se a criança tinha ou não deficiência intelectual. Naquela

época a FUNAD tinha um momento de estudo de caso do qual todos os profissionais participavam. Embora não fossemos tímidas, éramos as únicas que ficávamos caladas. Ficávamos inseguras para falar frente a tantos colegas com tanto conteúdo. Era uma equipe bem diversificada e havia sempre um bom debate. E assim, aquelas ocasiões também nos serviam de aprendizado.

Foi nesse período que entramos em uma especialização em psicopedagogia e começamos a aprofundar questões ao redor dos transtornos de aprendizagem. Compramos vários livros, entre os quais Lecours e Parente (1997), Condemarin e Blomquist (1989), Douet (1995), Pain (1992), Gerber (1996), fora outros que emprestamos e nunca mais os tivemos de volta. Líamos muito nesse período, por razões óbvias, tanto por nosso curso de especialização quanto pelos desafios do nosso trabalho. E também discutíamos com uma pedagoga muito experiente do nosso setor de trabalho. Numa dessas leituras demo-nos de frente com o capítulo que tratava da dislexia. Então compreendemos que era aquele o nosso ‘problema’. Não recebemos diagnóstico na idade certa. Em nosso tempo de alfabetização e mesmo ao longo do nosso percurso escolar esse cuidado e essa preocupação não existiam, se existiam não nos foi possível. Aliás, do que recordamos, nem na faculdade esse assunto foi trabalhado.

Hoje, além da FUNAD em João Pessoa – PB, já trabalhamos também na política da educação em Cabedelo – PB. Na referida cidade introduzimos a educação inclusiva municipal, assumindo a primeira coordenadoria do setor. Lá criamos a escola para surdos e o curso para profissionais se especializarem nessa área. Depois, atuamos em uma escola, num bairro popular, onde tivemos um projeto de leitura e oficina de texto. Lá também avaliávamos e prestávamos atendimento a alunos com transtornos de aprendizagem.

Temos a certeza de que, em parte por conta da dislexia, continuamos cometendo pequenos deslizes em nossa vida profissional. Como sempre dizemos: continuamos cometendo gafes. Talvez, por isso, algumas amigas e familiares falem que somos muito engraçadas. Imaginem que certa vez lemos em uma propaganda de uma escola famosa de João Pessoa - PB: “Venha condenado fazer a matrícula do seu filho”. Mas a frase era: “Venha correndo fazer a matrícula do seu filho”. Fomos comprar leite em uma padaria e perguntamos, olhando pra prateleira, “Quanto custa esse leite Ali-ba-ba?” E o nome do leite era Alimba. Trocar letras de lugar, desorganizar o lugar da palavra na frase, inverter a posição das letras numa palavra tem sido uma constante em nosso caminho escolar. Mesmo hoje precisamos ter muito cuidado ao escrever um texto, particularmente para não ‘engolir’ letras, não ‘comer palavras’, não esquecer da grafia correta, etc. A revisão é uma obrigação diária.

Nessa narrativa, escrita em segunda pessoa, reconhecemos que a dislexia e a pessoa que relata sempre estiveram juntas. A criança e a dislexia, a aluna e a dislexia, a professora e a dislexia, a avaliadora e a dislexia, a mulher adulta e a dislexia sempre estiveram agindo em ‘parceria’, muitas vezes na calma ou em situações bem nervosas. Temos vencido muitas barreiras e a superação tem sido a nossa marca. É verdade que nunca superamos totalmente a

dificuldade de leitura e de escrita. Embora escrevamos com certa correção gramatical, nem sempre sabemos onde as vírgulas devem ser colocadas. Quando escrevemos um texto longo ainda deixamos muitas lacunas. Aliás, as muitas lacunas do presente relato foram complementadas por intervenção do conjunto dos autores. Muitas vezes, por essa dificuldade, temos desistido de escrever. A nossa leitura ainda continua bem difícil. Ainda gaguejamos quando lemos, seja pela supressão de palavras, seja pela desregulação das letras. Reconhecemos que embora ler em público ainda seja um problema, falar em público não nos causa mais incômodo.

## **Discussão do caso**

### **A pessoa disléxica e a escola...**

Quando observamos atentamente o relato acima, entendemos que pessoas disléxicas têm trazido muitas marcas não muito delicadas do seu período escolar. Infelizmente, é necessário pontuar que mesmo hoje a escola não tem conseguido se adaptar ao disléxico ou às suas necessidades. A escola parece não ter ainda se preparado para receber a pessoa disléxica. Os colegas e os professores nem sempre parecem ser cordiais e compreensivos com as crianças disléxicas. Aliás, de forma geral, o disléxico é quem tem que se adaptar à escola e à vida social. Assim como o mundo, a escola não estaciona para se ajustar aos transtornos de aprendizagens. Talvez no futuro breve, por meio de artifício legal, como a recente lei<sup>1</sup> de pessoa com TDAH e Dislexia, a pessoa com transtorno de aprendizagem possa vir a ter melhor atenção nos ambientes formativos.

No passado, provavelmente, muitas pessoas com dislexia acabavam por deixar de lado seus sonhos relacionados à escola, isso por vários motivos, sendo os mais comuns: a vergonha por não aprender como todo mundo; a demora para acompanhar determinados assuntos; os olhares de recriminações tanto de professores quanto de colegas; as posturas grotescas de determinadas pessoas que deveriam ajudar no processo de aprendizagem; as incontáveis reprovações, etc. Lembremos que isso ocorre desde as séries iniciais. Assim como no caso acima relatado, os que conseguiram seguir seus estudos têm hoje muitas histórias bem marcantes de situações de violência psicológica por parte dos colegas, ou mesmo de falta de tato por parte dos profissionais da área de educação. Imaginemos um professor obrigar um aluno a escrever e reescrever um texto, uma frase, uma palavra diversas vezes, de forma mecânica. Imaginemos um colega ou mesmo um professor indagando se a criança é burra...

### **Dislexia e autoestima**

---

<sup>1</sup> A alusão aqui é à Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021.

As muitas situações vivenciadas pelos alunos disléxicos, sem dúvida, acabam mexendo com a autoimagem que os sujeitos tendem a fazer de si. A autora do texto refere que sempre que entrava na sala de aula era motivo de riso. É bem provável que a pessoa passe a se sentir completamente desprovida de qualidades intelectuais para seguir estudando. Por isso, como bem mostra Bonini et al. (2010, p. 315): “O sentimento de baixa-estima merece uma atenção cuidadosa, pois quando o disléxico consegue acreditar no seu potencial, mesmo diante das dificuldades, ele pode, de forma positiva, superar e desenvolver habilidades que podem livrá-lo do fracasso”. E esse nos parece ter sido a situação do caso aqui relatado.

### **Tipos de dislexias**

A literatura registra dois tipos de dislexia. Como informam Pinheiro e Scliar-Cabral (2017, p. 14) elas se dividem em “dislexia do desenvolvimento”, e “dislexia adquirida”. As autoras afirmam que a primeira é resultante de “uma condição inata”, que se origina e se expande no próprio desenvolvimento do sujeito. A segunda ocorre “quando a pessoa perde a habilidade de ler e de escrever como resultado de uma lesão no cérebro causada por traumatismo ou por uma doença, como o derrame”. O relato acima trazido enquadra-se no primeiro caso, uma vez que não há registro de alterações neurológicas por acidentes na vida da autora.

### **Dislexia e inteligência**

Temos ampliado o entendimento de que a pessoa disléxica não é pessoa com deficiência intelectual, mesmo tendo importante prejuízo escolar. A partir de uma importante pesquisa utilizando o WISC III como medida cognitiva, informam Cruz-Rodrigues et al. (2014, p. 27-28): “Participantes disléxicos apresentam capacidade intelectual preservada, com desempenho médio ou superior ao da faixa etária e de escolarização nos escores de QI Verbal, QI Execução e QI Total”. Vale então destacar que embora a dislexia de desenvolvimento não afete a inteligência, muitos disléxicos não a enxergam assim, o que repercute negativamente na imagem que eles projetam de si.

Na verdade, parece que a dislexia acaba dando novos rumos aos processos cognitivos. Tanto é assim que, mesmo não encontrando a atenção necessária, quando o disléxico consegue ser um pouco mais persistente ou tem alguma clara motivação ele parece seguir desenvolvendo seus próprios meios de aprender. Nesse sentido, podemos pensar as diferentes formas de aprender experimentada pela pedagoga do caso acima relatado.

No entanto, vale salientar que quando se tem certa dificuldade em coisas básicas, como escrever, ler e compreender, tudo fica mais difícil. Aliás, como bem disseram Sampaio et al. (2019, p. 9): “Para ler e até mesmo escrever um texto, é necessário dialogar com outros textos. É com a intertextualidade que se chega ao sentido”. Ler e escrever são atos que se interconectam com diversos elementos tanto da cognição quanto da vida.

## **Dislexia e modos de aprender**

Pessoas com dislexia, embora pouco notadas e até invisibilizadas, não são numericamente insignificantes na sala de aula. Como mostrado por Rodrigues e Ciasca (2016, p. 87): “Quanto à prevalência, essa é variada, já que os índices são dependentes da definição e dos critérios diagnósticos adotados. Entretanto, calcula-se que entre 3% a 10% dos escolares têm o transtorno”. Seu sucesso ou fracasso não dependem apenas delas, mas dos meios encontrados para aprender. Meios eficazes são os mais variados possíveis, pois cada ser humano aprende de uma forma diferente. Uns são mais visuais, outros aprendem por refazer percursos, outros inventam mil maneiras.

No relato acima a autora decidiu desde muito cedo que queria ser uma pessoa de sucesso. Mas somente ela sabe o que teve de passar. A expressão ‘estudar dobrado que nem tapioca’ revela essa experiência. O esforço disléxico, via de regra, não é somente dobrado, é redobrado, triplicado. A pessoa disléxica estuda mais que seus pares para conseguir um resultado curricular, muitas vezes, inferior à sua turma. Imaginemos o que foi escrever e reescrever textos, frases, palavras várias vezes. Imaginemos o que foi para a pedagoga do relato sublinhar textos apenas porque via o que seus colegas estavam fazendo. Ouvir uma leitura várias vezes e continuar como começou. Isso foi feito até ela encontrar seu próprio caminho de aprendizagem.

## **O problema disléxico**

Dependendo do meio, ler com fluência é algo fundamental e discutir o que se leu também. Porém, para as pessoas disléxicas é justo nesse ponto que se encontra o calo da situação. É importante não perder de vista que o problema do disléxico é um problema de linguagem, e envolve tanto a compreensão quanto a expressão verbal e escrita. O problema disléxico, embora apareça de modo particular na escola, ele também está fora da sala de aula. Não poucas vezes a pedagoga do relato viu-se como motivo de risada por sua fala ser “diferente”, recebendo inclusive apelido por esse motivo. Em seu livro, o autor disléxico Fleming (2020) relata que falava de um jeito engraçado, fazia as pessoas rirem dele e não com ele, mas ele não percebia que estava falando de um modo engraçado para as pessoas.

Como transtorno do desenvolvimento, a dislexia costuma não vir sozinha. É bem verdade que nem sempre a pessoa com dislexia tem somente problemas com leitura, escrita, compreensão e interpretação. Nem sempre seu problema se restringe ao campo da linguagem estrita. Pode ocorrer o que chamamos vulgarmente de ‘combo’, combinações ou, mais tecnicamente, comorbidades. Pode vir associada à dislexia também a dislalia, que é um problema na articulação das palavras. Pode ocorrer que a dislexia venha acompanhada de disortografia e disgrafia, que são dificuldades na linguagem escrita e na grafia de modo correto. Pode ainda acontecer da dislexia trazer consigo também a discalculia, que é a falta de

compreensão na manipulação dos números. Como tem sido mostrado pela literatura especializada, a dislexia “[...] raramente se manifesta de forma isolada, sendo comum acontecerem comorbidades com outros quadros, ligados a fatores etiológicos comuns, como ao conjunto de problemas de aprendizagem chamados de “síndrome dis” (disortografia, discalculia, dispraxia, disgrafia) (Alves, et al. 2011, p. 32). Também é comum encontrarmos em pessoas disléxicas o déficit de atenção e de concentração, o que parece ter sido o caso da autora do relato acima mencionado. É também comum que disléxicos frente a comando repentino se sintam ‘mentalmente tontos ou zonzos’. Talvez por isso a autora do relato acima mencionado tenha dito que tudo precisa ser feito em seu tempo próprio, que sente dificuldade quando alguém a apressa.

### **O diagnóstico e o autodiagnóstico da/na dislexia**

Outro problema do disléxico, também trazido pelo relato acima, diz respeito ao diagnóstico. Como informa Silva (2009, p. 471): “O diagnóstico nem sempre é realizado corretamente, devido à falta da equipe interdisciplinar, com esta incerteza estes não serão devidamente orientados”. Aliás, é provável que um número incalculável de disléxicos nunca tenha tido diagnóstico na idade escolar. Outros foram diagnosticados na idade adulta. Mas, existem também aqueles que nunca tiveram acessos aos diagnósticos de especialistas, tendo sido eles próprios autodiagnosticados. Essa situação ilustra o caso acima narrado. Esse tipo de diagnóstico tem sido feito por aproximação, por comparação, por leitura, por aprofundamentos escolares, por uma autoescuta clínica e não necessariamente pela submissão às escalas e testes específicos para essa questão. Esse tipo de diagnóstico é válido? Oficialmente não. Essa compreensão não garantirá apoios adicionais em cursos, concursos ou seleções, por exemplo. Entretanto, chegar à compreensão de um problema de aprendizagem que se arrastou ao longo de toda vida escolar, com certeza, traz um alívio intelectual imenso.

A autora do relato acima chegou à conclusão de que era disléxica por suas leituras, por debates em grupos de aprofundamentos e por sua formação. A esse diagnóstico, é verdade, ela não chegou sozinha, nem sem o apoio de uma equipe multiprofissional com a qual conviveu, atuou, estudou e aprendeu. Mas imaginemos que isso só ocorreu depois de haver completado sua formação universitária. Aliás, nem na universidade foi. Foi a partir do contato com leituras, procurando se aprofundar para sua vida profissional que passou a entender muitas coisas do seu passado escolar e foi assim que ela começou a se reconhecer como tal. Ao ler sobre a temática, ao discutir com seus pares e em cursos, isso foi lhe trazendo respostas ao seu caminho escolar. E, de certa forma, essa compreensão lhe ocasionou um certo conforto, pois a partir de então passou a pensar que mesmo sem entender muitas de suas situações desastrosas chegou até onde chegou. Sem dúvida, a autocompreensão pode ser muito motivadora para o disléxico. Ela funciona como uma tomada de consciência.

Nos últimos anos temos encontrado pessoas disléxicas que se reconheceram a partir do belíssimo filme indiano “Como estrelas na terra, toda criança é especial<sup>2</sup>”, no período em que já estavam na faculdade. Um recurso como um filme oferece imagem, dá forma a um sentir, provocando uma autoidentificação. Também temos conhecido relatos de pessoas com dislexia que foram ajudadas a se perceber na idade adulta por um professor que dominava esse conteúdo. Temos ainda registro de outra pessoa que descobriu sua dificuldade escolar muito cedo, mas se compreendeu melhor depois de um processo de profunda depressão, após fazer acompanhamento psicológico (Fleming, 2020).

É muito comum que o disléxico esteja só, se esconda, evite que alguém descubra suas dificuldades. Mas existem aqueles que, tendo melhor oportunidade, são ajudados por pessoas de sua parentela. No estudo de caso aqui apresentado é inimaginável o estímulo ofertado por uma avó professora.

É claro que o caso em análise foi feito a partir de uma pessoa adulta. Mas, será que a realidade tem mudado? Para Silva (2009, p. 471): “Observa-se a falta de informações dos profissionais das áreas de educação e saúde, a não identificação precoce e o devido encaminhamento, que implicam em frustração e evasão escolar”. Esta citação seria válida hoje? Muito provavelmente.

Existem inúmeros fatores sociais no período escolar que fazem esse diagnóstico ser tardio ou nulo. Administrativamente nossas salas de aula funcionam com muitos alunos, têm estruturas que nem sempre são adequadas. Culturalmente vamos encontrar também professores que não estão familiarizados e sensibilizados com essa temática. E, por fim, a família, quando não desconhece totalmente, nega o problema, acusando a criança de preguiçosa, por exemplo, tornando difícil uma ação mais eficaz.

### **Dislexia como condição permanente**

Como mostrado a partir do caso trazido, a dislexia não muda com o tempo. A pessoa do caso narrado admite que suas dificuldades com leitura e escrita ainda não foram superadas. Portanto, tem razão Teles (2004, p. 718): “A dislexia mantém-se ao longo da vida, não é um atraso maturativo transitório. É uma perturbação neurológica que necessita de uma intervenção precoce e especializada”. De qualquer forma, o mais comum é perceber na fase adulta que as dificuldades podem ter se avolumando, dependendo do caminho que o sujeito disléxico fez em sua existência, dos apoios que teve e do que conseguiu enfrentar. Lógico que mesmo com muitas dificuldades não podemos esquecer que a pessoa com dislexia é um ser humano e que precisa de respeito.

Embora tenhamos trazido o caso de uma pessoa disléxica que, mesmo em meio a lutas e superações, teve sucesso em sua vida escolar e profissional, importa mencionar que a dislexia

---

<sup>2</sup> Trata-se de um belíssimo trabalho audiovisual de 2007, dirigidos por [Amir Khan](#), [Amole Gupte](#). Esse filme, além de emocionar plateias, tem servido como chamada de atenção para a causa da dislexia ao redor do mundo.

não se apresenta de forma igual para todas as pessoas. Conforme Pinheiro e Scliar-Cabral (2017, p.16): “Pessoas com dislexia possuem problemas fundamentais ao relacionar a linguagem escrita com a linguagem falada. Essa dificuldade ocorre em diferentes graus, sendo que, enquanto um aluno pode ter uma dislexia leve, outro poderá apresentar um comprometimento mais severo”. Um aluno com comprometimento severo teria alcançado o mesmo desempenho da pedagoga aqui relatada? É uma questão a ser pensada futuramente.

### **Considerações finais**

A dislexia é um transtorno real e importante na vida de muitas pessoas. Ela afeta o campo da linguagem, tanto em sua expressão verbal quanto em sua manifestação escrita. Ela dura toda a vida, prejudicando a aprendizagem e atrapalhando, em muitas situações, a vida em seu desempenho total ou parcial. Dependendo de como é conduzida, a dislexia pode inclusive levar os sujeitos à baixa autoestima. A dislexia, embora possa afetar parte do desenvolvimento cognitivo, não afeta a inteligência em sua globalidade e não pode ser confundida com deficiência intelectual.

O diagnóstico e a intervenção precoces são importantes. A avaliação comumente é feita de forma multidisciplinar, envolvendo especialistas em psicopedagogia, neurologia, fonoaudiologia, psicologia, oftalmologia etc. Contudo, esse processo pode sofrer consequências adversas à sua própria necessidade. Por carecer de muitos profissionais para estabelecer o diagnóstico, o processo acaba se tornando inviável em tempo reduzido. Muitas dessas especialidades são relativamente caras e não facilmente acessíveis. Além disso, a realização de consultas com todos esses profissionais pelo serviço público costuma não ser possível. A rede pública nem sempre dispõe desses serviços e quando dispõe, o processo demanda muito tempo. Assim, se essa demora é ruim para uma criança, imagine para um adulto que já teve a vida escolar inteira comprometida, sem ser notado como pessoa com dislexia.

Nessa perspectiva muitas pessoas abrem mão do diagnóstico e aprendem a se virar como podem. O caso trazido nesse artigo é ilustrativo. E, como no passado, também no presente muitos acabam optando por ficar apenas com o autodiagnóstico, o que não nos cabe julgar, uma vez que cada caso é um caso diferente.



## REFERÊNCIAS

- Andrade, S. R., Ruoff, A. B., Piccoli, T., Schmitt, M. D., Ferreira, A., Xavier, A. C. A. (2017). O estudo de caso como método de pesquisa em enfermagem: uma revisão integrativa. *Texto Contexto Enferm*, 26(4):e5360016, pp 2-12.
- Alves, L. M., Siqueira, C. M., Lodi, D. F., Araújo, M. C. M. F. (2011). Introdução à Dislexia do Desenvolvimento. In. Alves, L. M., Mousinho, R., Capellini S. (Orgs.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. (pp. 21-40) Wak Editora.
- Bonini, F. V., Mari, R. R., Anjos, S. A., Joveliano, V., Teixeira, S. C. P. (2010). Problemas emocionais em um adulto com dislexia: um estudo de caso. *Revista Psicopedagogia*, 27(83), pp. 310-322.
- Carvalhais, L. S. A., Silva, C. (2007). Consequências sociais e emocionais da Dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso. *Revista Semestral da ABRAPÉE*, Volume 11 Número 1, Janeiro/Junho, pp. 21-29.
- Catts, H. W., Chan, Y. (2011). Identificação precoce da dislexia. In. Alves, L. M., Mousinho, R., Capellini S. (Orgs.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. (pp. 55-70) Wak Editora.
- Condemarin, M., Blomquist, M. (1989). *Dislexia: manual de leitura corretiva*. (3ª ed.) Artes Médicas.
- Davis, R. D. (2004). *O dom da Dislexia: por que algumas pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender*. Rocco.
- Drouet, R. C. R. (1995). *Distúrbios da Aprendizagem*. (2ª ed.) Ática S. A.
- Fleming, L. (2000). *Seja o nota 10 na vida. O único método de aprendizagem em suas mãos para aprender a conquistar seus objetivos e sonhos*. Leans Tecnologia.
- Gerber, A. (1996). *Problemas de aprendizagem relacionados à linguagem: sua natureza e tratamento*. Artes Médicas.
- Lecours, A. R., Parente, M. A. M. P. (1997). *Dislexia: implicações do sistema de escrita do português*. Artes Médicas.
- Navas, M. L. (2011). Por que prevenir é melhor que remediar quando se trata de dificuldades de aprendizagem. In. Alves, L. M., Mousinho, R., Capellini S. (Orgs.). *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. (pp. 41-54) Wak Editora.
- Pain, S. (1992). *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. (4ª ed.) Artes Médicas.
- Pinheiro, A. M. V., Scliar-Cabral, L. (2017). *Dislexia: causas e consequências*. Editora UFMG.
- Rodrigues, S. D., Ciasca, S. M. (2016). Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. *Rev. psicopedag.*, São Paulo , v. 33, n. 100, pp. 86-97.
- Rodrigues, C. C., Meca, T. P., Oliveira, D. G., Ueki, K., Bueno, O. F. A., Macedo, E. C. (2014). Perfis cognitivos de crianças e adolescentes com dislexia na WISC-III. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66 (2), pp. 17-35.
- Sampaio, N. F. S., Paixão, T, N., Perottino, S. (2019). Uma discussão a respeito da dislexia – o sujeito na sua relação com a escrita. *Pesquisas e Práticas Psicossociais São João del-Rei*, 14(1), janeiro-março pp. 1-18.
- Soares, J. N., Amaral, A. V., Ferreira, S. L., Silva, A. L. (2018). Dislexia e Aprendizagem: uma reflexão para a prática educativa. *Anais do III CINTEDI - Congresso Internacional de Educação Inclusiva*. Ed. Realize.

- Silva, S. S. L. (2004). Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. *Rev. Psicopedagogia*, 26(81). pp. 470-475.
- Teles, P. (2004). Dislexia: Como identificar? Como intervir? *Rev Port Clin Geral*, (20) pp. 713-730.
- Ventura, M. M. (2007). O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. *Rev SOCERJ*. 20(5). setembro/outubro, pp. 383-386.